

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 47 — VOL. II.

Sabbado 20 de Novembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summario.

ANTIGOS: — Historia da actualidade — A gravura — A igreja de Santa Maria de Leça do Balio — D. Ignez Cardoso — Boudhismo — Os monumentos arabes em Hespanha — O traje dos camponeses da Ukraina — Maria — Lições para maridos, conclusão. GRAVURAS — Estatua de Henrique IV de França — O traje dos camponeses da Ukraina — A igreja de Santa Maria de Leça do Balio — Cruzeiro da igreja de Santa Maria de Leça do Balio — Ruínas mouriscas sobre o Guadal-Quivir, em Cordova.

## Historia da actualidade.

Setubal foi infelizmente, segundo as noticias officiaes, a que mais padecceu na catastrophe de 11. O bairro de Troino, habitado pela porção mais pobre dos povoadores, pode julgar-se destruido. A autoridade tratou de entaipar as ruas que communicam com elle, afim de evitar os roubos, que desgraçadamente se declararam n'essa occasião. O ministerio remetteu no dia 15 soccorros á população.

— As participações recebidas do Porto, Oliveira d'Azemeis, Coimbra, Aveiro, Braga, Caminha, Viana, Valença, Montemor, Evora Cidade, Tavira, etc., notam que se sentiu n'essas terras o abalo, mas felizmente não causou n'ellas graves prejuizos.

— Não se pode dizer o mesmo dos sinistros que o temporal tem acarretado sobre as povoações limitrophes á capital. O Tejo tem causado cheias n'algumas partes, e a ponte da Verdella soffreu algum prejuizo.

— Embarcou e partiu para Inglaterra o principe Alfredo, filho de sua magestade a rainha Victoria.

— O patacho *Napoleão*, partindo-se-lhe a amarra, com a força de vasante, foi de encontro, no Tejo, a uma escuna ingleza, quebrando-lhe a borda, e estalando-lhe as enxarcias.

— Uma fragata de *agua-acima*, que estava amarrada em frente da Abegoaria, soçobrou.

— A escuna sueca *Elisabeth*, e a polaca sarda *Telegraph* abalroaram.

— O commercio geral da Suissa resolveu mandar uma expedição commercial á China, Japão, e Persia.

— O patacho *Liberdade* abalroou com a escuna ingleza *Fergus*, havendo mutua avaria nas bordas e cabeços.

— A embarcação de registro d'alfandega, n.º 3 teve a infelicidade de soffrer avaria na borda, e o mastro partido por um hiate que garrou.

— As embarcações em perigo teem sido soccorridas com zelo.

— Entrou no dia 17 do corrente o Senhor infante D. Luiz a foz do Tejo, recolhendo da sua digressão ás ilhas.

— Relatam os jornaes das ilhas, tão minuciosamente a recepção que n'ellas se fez a sua alteza, que para as reproduzir não seriam sufficientes as columnas d'este jornal. Em toda a parte foi recebido com bailes e festejos pelas pessoas principaes, e o povo, satisfeito de ver um principe portuguez, corria a manifestar-lhe louvaveis provas do seu entusiasmo.

— A direcção do Café Concerto fez celebrar um *Te Deum* no Sacramento, em acção de graças de o tremor do dia 11 não ter causado maiores estragos na capital. Distribuiu por essa occasião aos necessitados a esmola de nove mil seiscientos réis.

— Pelo mesmo motivo celebrou a camara municipal outro *Te Deum* na igreja de Santo Antonio da Sé.

— No dia 16 houve, no mosteiro de S. Vicente

de Fora, sollemnes exequias por alma de sua magestade a rainha D. Maria II. Assistiu a ellas el-rei o Senhor D. Pedro V. A concorrência foi numerosa. Em consequencia do funeral todos os navios portuguezes surtos no Tejo, conservaram durante o dia as vergas cruzadas, disparando tiros de quarto em quarto de hora.

— Naufragou na terça feira, e na foz do Tejo, o brigue francez *Stephanie*. Acorrendo promptos os soccorros, unicamente se pôde salvar a tripulação, fazendo muitos serviços n'esta occasião o escaler do Bugio.

— O collegio militar já se mudou de Mafra para o edificio da Luz.

— O governo grego abriu um concurso de architectos de todas as nações para o risco de um museu onde se conservem todas as preciosidades antigas encontradas no solo helénico.

— Interromperam-se, com o tremor, as communicações telegraphicas com varias terras do reino. Como este sinistro não foi promptamente reparado pelo empresario da telegraphia electrica, queixam-se varios jornaes de não ter sido redigido o contracto com a prudencia que o assumpto reclamava.

— Naufragou tambem á entrada da nossa barra, a escuna ingleza *Flora*, salvando-se a tripulação, que foi recebida pela escuna dinamarqueza *Amazona*.

— Em Hespanha sentiu-se o tremor no mesmo dia, e igual hora, mas não consta ainda que ahi causasse estragos.

— No theatro das Variedades vac á scena no fim do corrente mez a magica ha tanto promettida, intitulada o *Reino das Fadas*. Por causa das despezas que o theatro tem feito para a pôr em scena, deliberou a direcção fazer um pequeno augmento no preço das entradas.

— Chegaram d'Elvas, na quarta feira 17 do corrente, os senhores conde da Ponte de Santa Maria, e visconde da Luz, que tinham ido inspecionar os quartéis da cavallaria.

— Em Tripoli, Alexandria, e Alepo, revoltaram-se as tribus, e estão interrompidas as communicações entre o Libano e Alexandria.

— Deve chegar ultimamente a Lisboa um cavalheiro representante da empresa do theatro lyrico do Rio de Janeiro, que vem comissionado á Europa para estudar a organização e administração dos principaes theatros.

— Um decreto imperial da Austria prohi-



Estatua de Henrique IV de França.



biu formalmente a exportação d'armas e munições para a Servia, e principados do Danubio.

### A gravura.

A gravura é de tal antiguidade, que mui difficil se tornaria querer assignar a epoca da sua origem. A palavra *gravura* é derivada do grego. Antes porém dos romanos, dos gregos e dos egypcios, já a gravura era pelos judeus empregada no ornamento dos seus monumentos, e de tudo a que era necessario dar caracter mais duradouro e serio.

Dizem as chronicas dos hebreus que a mitra do seu summo sacerdote era ornada de uma chapa de ouro, sobre a qual estava gravada a palavra Jehova.

Sabemos pela Escritura que Moysés gravou nas taboas da lei os dez mandamentos que recebeu no Sinay. A Biblia assegura-nos que o povo de Deus — ainda que atrasadissimo tanto nas artes como nas sciencias — gravava nos seus monumentos a palavra do Ente Supremo, relatando os factos memoraveis pelos quaes se revelavam a sua gloria, o seu poder, e a sua infinita bondade.

Em todas as colossas pyramides e obeliscos dos egypcios existem os traços que revelam o gosto com que se entregavam ao estudo de tal arte. Se consultarmos tambem as reliquias que nos ficaram dos romanos, vasos, medalhas e camafeus, veremos o progresso d'esta nobilissima arte, e a paciencia do gravador romano.

Consultemos Homero relativamente á descripção do escudo de Achilles, e dos sete chefes em frente de Thebas, e convencer-nos-hemos da perfeição com que, n'esses tempos remotissimos, era praticada a gravura.

Em Athenas, Roma, e Constantinopola brilhou esta arte apar de todas as outras, até que, seguindo o destino d'ellas, desapareceu, e quasi se extinguiu, debaixo d'esses gelos artisticos que vieram na idade media cobrir a gloria dos primeiros esforços do genio e do talento.

Com a influencia benigna do decimo quinto seculo reanimou-se a arte no seio consolador da Italia. A pintura a esculptura e a gravura tornaram a dar signaes de vida; e foi sob aquelle ceo azulado e inspirador que a nobre classe dos artistas se propagou, e d'ali partiu para os differentes pontos da Europa onde o destino a chamava a cumprir sua honrosa missão.

Francisco I foi um dos seus distinctos protectores, e ella prestou-lhe homenagen, bem como a Henrique IV.

Representa a nossa estampa a estatua d'este monarcha a cavallo, que é, pela ordem chronologica, a mais antiga que existe em Paris.

Ainda que houvesse na sua inauguração um pensamento determinado, a estatua de Henrique IV é, por assim dizer, filha do acaso. O cavallo foi fundido muitos annos antes do cavalleiro, porque no tempo em que se ordenou a fundição d'aquelle, não se sabia ainda fundir d'um só jacto uma estatua d'este genero. Diz o dictado: *guardado está o bocado para quem o hade comer*: assim succedeu a respeito do cavallo em que hoje se acha montado o esposo de Maria de Medicis.

Um dos grã-duques de Toscana, querendo inaugurar-se em vida na capital do seu grã-ducado, encomendou a João de Bolonha a fundição do cavallo em que devia ser, depois, collocada a sua estatua; mas lá diz a voz do povo que o *homem põe e Deus dispõe*; e a voz do povo é a voz de Deus, ou foi pelo menos d'aquelle vez — quando o não haja sido de muitas outras — porque tanto o principe como o artista morreram antes da obra concluida.

Assim como ao principe succedeu Cosme II, succedeu a João de Bolonha o artista Pietro Tacca, que concluiu a obra; e tanto que o esteve, foi pelo primeiro enviada de presente a Maria de Medicis, rainha de França. Embarcaram o cavallo em Livourne com destino a França; mas o navio naufragou na costa da Normandia, e o cavallo foi fazer companhia aos peixes.

Dois annos depois, querendo Maria de Medicis elevar uma estatua a seu elegante e galanteador esposo — victima do punhal de Francisco Ravaillac — mandou reproduzir o marido em bronze e retirar

o cavallo do fundo do mar. Estas duas operações concluíram-se quasi ao mesmo tempo.

O cavallo e o cavalleiro appareceram no meado de 1613: e os artistas Dupré e Francavilla foram pela rainha encarregados de erguer este monumento, que o amor conjugal consagrava á memoria de um rei por quem o povo ainda chorava, bem lembrado d'estas palavras em que fica revelada toda a affabilidade do caracter d'aquelle monarcha: «Que-ro que os povos do meu reino possam pôr gallinha ao lume, ao menos todos os domingos.»

A ponte nova foi o local escolhido para a collocação da estatua, por ser o mais central; e assim podem os parisienses contemplan-la, a cada instante, o rei que queria que *pozessem gallinha ao lume ao menos todos os domingos.*

A proposito, diz um espirituoso escriptor francez: — «é verdade que o mesmo Henrique IV consentia que enforcassem sem misericordia qualquer pobre diabo, que tivesse a desgraça de se deixar apanhar na acção de caçar algum coelho nas coutadas reaes; mas tambem devemos reflectir que o rei não tinha fallado senão em gallinha.»

A inauguração da estatua dizem que se fez com muita solemnidade e pompa. Dentro do cavallo foram depositados os pergaminhos contendo a data da inauguração, os nomes dos magistrados, e os dos artistas.

Quando os gelos polares chegarem a abranger esta parte do globo; quando as gerações repellidos pelo frio procurarem as regiões mais quentes, e que apenas algum observador venha procurar nas differentes camadas geologicas a idade do mundo, talvez ainda encontre com espanto gravado no pedestal d'esta grande estatua os disticos singulares com que algum francez maligno se houvesse divertido a ridicularisar a obra de seus avós á memoria d'esse rei, que desejava *pozessem gallinha ao lume todos os domingos*, e os mandava enforcar por lhe caçarem um coelho nas suas coutadas!

Diz-se que em Paris pouco se falla na estatua de Henrique IV, mesmo quando ha intenção de a designar. É um dos costumes de que se desconhece a origem; de que em vão nos cansamos a procurar uma rasoavel, e que fica, apesar dos nossos esforços, sem ella; e com a unica razão de *ser costume*, que á falta de melhor é razão que a todos satisfaz. *De frente do cavallo de bronze: ao passar pelo cavallo de bronze: espero-te ao pé do cavallo de bronze etc.* Não dizem mais os parisienses quando se referem á estatua de Henrique IV. É por isso que quasi sempre estão apparecendo na base do pedestal disticos semelhantes ao que vamos referir, e do qual conservaremos toda a originalidade:

«Superbes monuments que votre vanité,  
Est inutile pour la gloire  
De ces héros dont la mémoire  
Mérite l'immortalité!  
Que sert-il que Paris, au bord de son canal,»

Ora, diz o escriptor de quem colhemos esta noticia, que a palavra *canal*, não entra, n'aquelle verso, senão para supprir a necessidade da rima, porque a estatua de Henrique IV domina o rio e não o canal que fica uma legua distante. Licença poetica! Continuemos:

«Que sert-il que Paris, au bord de son canal,  
Expose de nos rois ce grand original,  
Qui sût si bien régner, que sût si bien combattre?  
On ne parle point d'Henri quatre,  
On ne parle que du cheval.»

Em memoria de Henrique IV, ou, para melhor dizer, em memoria da sua conversão á fé catholica, ha tambem em Roma uma estatua que nol-o representa. E a proposito d'esta estatua, diz um escriptor francez, com muita graça: — «não sei se elle lá está representado a dizer, com o seu pronunciado accento gastão — *Ventre-saint-gris!* Paris vaut bien une messe!»

A. HOGAN.

### A igreja de Santa Maria de Leça do Balio.

É este um dos mais venerandos monumentos da

nossa terra. Em antiguidade poucos lhe disputam a primazia. Em memorias historicas bastará dizer, que assistiu, quasi desde o começo, a toda essa immensa lucta, travada no solo da peninsula entre o christianismo e o islamismo, no meio da qual nasceu e medrou a monarchia portugueza.

Está situado este edificio a duas leguas da cidade do Porto, e proximo da estrada que conduz para Braga, em terreno baixo e arborizado, que o rio Leça aformoseia e fertilisa.

Estando o seculo nono a despedir-se, fundou-se n'este logar, então chamado *Recaredi*, uma pobre ermida, e junto d'ella umas humildes casas, aonde pouco depois vieram viver em communidade, e sob a regra que S. Bento acabava de formular, alguns presbyteros, frades, e freiras, com as devidas separações, sendo só commum para todos a igreja. A isto se chamavam mosteiros duples, e foi este o primeiro, que a ordem de S. Bento teve em Portugal, cuja invocação era S. Salvador.

Não podiam tão mesquinhas construcções resistir por largos annos á acção do tempo. No fim pois de dois seculos estava tudo a ameaçar ruina. Procedeu-se á reedificação no anno de 1094.

Passados poucos annos estava o mosteiro de S. Salvador inteiramente despovoado de frades e freiras, habitando apenas n'elle alguns clérigos. Não archivou a historia os successos, que deram logar a este abandono. Talvez que a falta de meios de subsistencia, pois que se sabe que as rendas do mosteiro eram diminutissimas, obrigasse aquellas comunidades a reunirem-se a outro convento. E tambem pode ser, que algumas correrias dos arabes, n'essa epoca mui triviaes, levassem os monges, e religiosos a procurar n'outra parte mais seguro asylo, como anteriormente ali o haviam buscado, n'um caso d'esses, o abade e monges do mosteiro de Vaccariça.

O que parece certo, é que em um dos annos de 1112 a 1118, estando o mosteiro de S. Salvador unido á sé de Coimbra, vieram estabelecer-se n'elle os religiosos cavalleiros do Hospital de S. João de Jerusalem. E foi este tambem o primeiro convento, que teve em Portugal esta nobilissima ordem, que tão celebre se fez nos annos do christianismo, e tanto se assignalou em armas sob os nomes, além d'aquelle, de cavalleiros de Rhodes, e depois de Malta.

Sendo prior e balio de Leça D. Frei Estevam Vasques Pimentel, e achando-se a igreja muito arruinada, den-se começo a um novo templo, que se concluiu em Maio de 1336. É este o actual.

O edificio do mosteiro, depois de ter passado por muitas alterações, feitas em diversas epocas, extinto o mosteiro, ficou servindo de residencia do balio com o nome de paço. Está contiguo á capella-mór da igreja, e deita para uma pequena cerca.

Visitaram este mosteiro, e n'elle passaram algum tempo muitos dos nossos reis e principes, como foram a rainha D. Tareja, seu filho el-rei D. Afonso Henriques, D. Sancho I, a rainha Santa Mafalda, el-rei D. Fernando, a rainha D. Leonor Telles, sua mulher, os infantes D. Diniz, e D. João, filhos de D. Pedro I e de D. Inez de Castro, e D. Filipa, filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra. Tambem aqui vieram, e residiram, frei Raymundo du Puy, o segundo grã-mestre, que teve a ordem dos cavalleiros do Hospital de S. João de Jerusalem; e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Passou-se n'este mosteiro um acontecimento, no principio do anno de 1372, que teve grande influencia nos successos futuros, e na sorte de Portugal.

El-rei D. Fernando, que saíra furtivamente de Lisboa para se subtrahir á manifestação da indignação publica, causada pela noticia do seu casamento com D. Leonor Telles de Menezes, dirigiu-se ao Porto, e d'ahi ao mosteiro de Leça, aonde convocou a corte, e recebeu publicamente a D. Leonor por sua mulher. Foi então, que no acto de a fazer reconhecer por todas as pessoas presentes como rainha, o infante D. Diniz se recusou a beijar-lhe a mão, e tratou-a como tal. No accesso do seu furor quiz el-rei tirar-lhe a vida com a adaga, que arrancara do cinto, e o faria se dois fidalgos lhe não travessem do braço.

O infante, recesso do odio de seu irmão, fugiu para



Castella, aonde foi bem recebido; mas quando, por morte d'el-rei D. Fernando, o povo se levantou contra o testamento d'este monarcha, que nomeava por herdeira da corôa sua filha D. Beatriz, que se achava casada com D. João I de Castella, D. Diniz viu a hospitalidade, que até então lograra, trocada em rigorosa prisão. E d'ahi a pouco lhe constou, que as côrtes reunidas em Coimbra para decidir a questão da successão do throno, julgando a D. Beatriz inhabil para succeder a seu pae por ter casado com principe estrangeiro, e attendendo a que os dois filhos legitimos, que restavam d'el-rei D. Pedro I e da rainha D. Ignez de Castro, se achavam presos por D. João I de Castella, que pretendia o reino para si, e vinha apossar-se d'elle á frente de um poderoso exercito, resolveram, pela suprema lei da salvação publica, conferir a corôa de Portugal ao bastardo d'el-rei D. Pedro, o mestre d'Aviz, que foi unanimemente aclamado com o nome de D. João I.

Um espaçoso caminho, que outr'ora foi uma alameda, povoada de frondosas arvores, de que apenas resta uma de pé, conduz á igreja de Santa Maria de Leça. No principio d'este caminho ergue-se um cruzeiro, com a imagem de Jesus Christo, feita de pedra d'Ançã, com muitos ornatos de boa esculptura. Pouco acima da base tem um letreiro em letras gothicas, que diz — *O prior do Crato Dom Frei João Coelho o mandou fazer na era de mil quinhentos e quatorze.*

A igreja é um edificio religioso e militar, como bem quadra á ordem guerreira, que a levantou, e como se fazia mister n'aquelles tempos em que a guerra mal dava treguas á paz, e em que os moiros não davam quartel aos christãos.

A torre, que se ergue junto á frontaria do templo, é uma verdadeira fortaleza. Os vestigios, que ainda se descobrem de outras torres, e de lanços de muralhas, provam amplamente, que aquelle mosteiro fôra quasi uma praça de guerra. Se se attende á época em que D. Frei Estevam Vasques Pimentel deu começo á reedificação da igreja, devemos suppor, ou que aquella torre, e as outras obras de defensão são de construcção muito mais antiga, ou que foi uma precaução contra qualquer invasão, que os moiros de Granada podessem fazer em Portugal. Entretanto o que parece mais provavel, é que a reedificação se limitou ao templo.

Não se sabe quando foi que a igreja perdeu a sua antiga invocação de S. Salvador, para tomar a de Nossa Senhora da Encarnação, que tem e conserva ha mais de duzentos annos, posto que o seu nome popular seja o de—Santa Maria de Leça. Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### D. Ignez Gracías Cardoso.

CHRONICA DE RIOS DE SENA.

#### Um plano de jesuitas.

É uma verdadeira historia a que vou contar-vos: assistireis á representação do mais horroroso drama de que dão noticia os fastos da Zambézia, e cujos principaes actores, ainda mal, foram todos christãos, e alguns d'elles sacerdotes.

Um seculo passou já sobre os successos que nos propomos narrar. Deus, por sua infinita misericordia, terá perdoado, talvez, aos grandes criminosos que vamos apresentar em scena.

Corria o anno de 1757. A estrella dos jesuitas declinava, mas os reverendos padres da companhia ainda estavam longe de suppor que se preparava para tão breve o seu exterminio, como o grande Marquez de Pombal o meditava nos seus profundos calculos politicos.

As missões de ultramar não eram a menor alavanca da ordem; as propriedades que possuia na Africa, na Asia, na America e na Oceania, não podiam considerar-se o mais insignificante dos seus redditos: a sua influencia e riqueza no Oriente aterrorava os maiores potentados, e havia logares do Novo

mundo que reconheciam a sua soberania temporal.

Entre as diversas partes do globo a que estendeu o seu dominio, a companhia tinha em grande conta a Africa meridional; partindo de ambas as costas, caminho do nascente e do poente, os seus missionarios, a principio apostolos e martyres, depois traficantes e enredadores, levaram a influencia da ordem aos desconhecidos sertões d'aquelle continente, e á sombra da humilde cruz da redempção ganharam, apor de alguns triumphos espirituales, innumerables vantagens mundanas.

No lado oriental fundaram elles um convento em Moçambique, a expensas de João Dias Ribeiro; casas conventuales nas villas de Tete e de Sena, e vigariados nos sitios de Quilimane, Caya e Luabo, districto de Rios de Cuama. Pingues terrenos constituam o patrimonio de cada uma d'estas igrejas; mas a insaciavel ambição dos jesuitas não estava ainda satisfeita, quando tiveram logar os acontecimentos que vamos narrar, e as suas vistas de dominio estendiam-se a todo o praso Luabo, tão grande como uma provincia, em cujo districto apenas tinham alcançado, sem titulo legal, algumas braças de terreno em volta da sua parochia, da invocação de Nossa Senhora da Saude.

O praso ou ilha de Luabo, situado á beira do canal de Moçambique, entre duas bocas do rio Cuama, Sena ou Zambeze, era então possuido por D. Ignez Gracías Cardoso, que o obtivera, por carta de sesmaria, em recompensa dos serviços prestados por seu pae n'aquella colonia africana; e os padres da companhia, que tinham muita influencia sobre o espirito da orphã, tratavam de lhe aconselhar a abstinencia de pensamentos mundanos, sobretudo de casamento, com o fito em empolgarem a posse d'aquelle rico praso, na ausencia de legitimos herdeiros.

Porém D. Ignez, respeitadora fiel do vigario jesuita de Sena, o padre José de Anchieta, seu director espiritual, apartou-se comtudo da opinião do reverendo n'este ponto de doutrina, e abraçou com todas as forças a idéa, que lhe sorria, de consummar o sacramento do matrimonio, com algum esforçado fidalgo portuguez, que, unido um nome illustre ao de Gracías Cardoso, desse novos heros aos Rios de Sena, taes como haviam sido os seus antepassados.

Além do praso Luabo, D. Ignez possuia a terra de Inhacoche, nas visinhanças de Sena, e muitas outras n'aquelle fertil valle da Zambézia, com milhares de escravos e colonos; e por consequencia uma importante posição na capitania. A sua aliança era desejada pelas mais nobres familias de Moçambique e dos Rios; mas a orgulhosa donzella desprezava todos os pretendentes da colonia, por que nenhum d'elles realisava o ideal de seus sonhos, um mancebo illustre, corajoso, gentil e de nomeada.

D. Ignez não estava na juventude, nem era dotada de fascinadora belleza; mas, em toda a parte, a sua physionomia expressiva lhe attrahia affeições, e em Rios de Sena podia considerar-se uma creatura angelica, uma formosura excepcional. A sua presença varonil, corpo alto e direito, movimentos desembaraçados, tez morena, olhos negros e fusilantes, basto cabello da mesma cor, mãos e pés nervosos e compridos mas não defeituosos... tudo revelava que no peito d'aquella mulher se alojava um coração de homem, e de homem ás direitas!

Seu tio, D. Antonio Taveira, então arcebispo primaz do Oriente, se encarregara, a pedido de D. Ignez, de lhe descobrir um marido digno d'ella, entre os poucos fidalgos que ainda então iam militar á India; porém lançando os olhos pela roda de cavalleiros moços que em 1757 povoavam os palacios de Goa, o velho arcebispo não encontrava um só nas circumstancias indicadas.

A desgraça, todavia, arrastou n'esse anno á capital da India portugueza o infeliz Antonio José Telles de Menezes, fidalgo da casa de Villa Pouca, que desde 1747 governava a cidade de Macau com o posto de tenente general, depois de haver militado no Indostão durante a juventude, e que ora se via expulso d'aquella capitania pelo povo, em consequencia das crueldades que commettera, diz um escriptor muito parcial dos macaenses; talvez pela sua nimia tolerancia, como mais tarde mostrou, e

ver-se-ha n'esta chronica, toda baseada em actos officiaes: bom ou mau, o ex-capitão geral da cidade do Santo Nome de Deus agradeou ao prelado, que então presidia ao governo temporal da India, por morte do vice-rei o conde d'Alva, D. Luiz, e vendo elle que Antonio José Telles nenhum cabedal trazia da China, propoz-lhe a posse da mão e dos bens de sua sobrinha, fazendo-se o casamento por carta de ametade, segundo a ordenação do reino.

Antonio José já não era rapaz; mas tendo vivido dez annos no clima, comparativamente bom, de Macau, parecia mais joven de que os reinos fidalgos que residiam em Goa, e deveria passar pelo Apollo de Belvedere em Rios de Sena, aonde não morava Venus, nem alguma das tres Graças. Vendendo-se pobre e perseguido, o filho da casa de Villa Pouca accitou o consorcio que lhe proporcionava a posse de uma riqueza colossal, e o casamento effectou-se, por procuração da parte de D. Ignez, na capital do já então muito abatido estado da India.

Esta resolução, porém, abalava pelos fundamentos todos os calculos da companhia de Jesus, dirigidos a alcançar a posse do extenso e fertil praso do Luabo; ainda diligenciaram os padres, por diversos meios, não muito christãos, impedir que se effectuasse o casamento; e quando a ultima esperança lhes fugiu, por esse lado, na presenca do acto solemne dos esponsaes, mudaram a direcção das baterias, e os seus esforços dirigiram-se a desunir os conjuges, para evitar que tivessem descendencia.

O padre Manuel Barradas, que a esse tempo administrava o hospital real de Goa, foi alliviado d'aquelle encargo, e enviado, a titulo de visitor, para Sena, partindo em companhia de Antonio José Telles de Menezes, na nau de viagem que se dirigia a Lisboa com escala por Moçambique, na monção d'esse mesmo anno.

Durante o tracto, de poucos dias, até á costa oriental d'África, o ardiloso filho de S. Ignacio de Loyola soube insinuar-se á maravilha no animo do fidalgo, e indispô-o desde logo contra D. Ignez, pintando-lhe com côres aterroradas a vida dissoluta das mulheres de Sena, em geral, e o caracter imperioso, feroz e vingativo de sua esposa, em particular; de sorte que, chegando a Moçambique, já pouca vontade tinha o general de seguir para Quilimane.

Ao mesmo tempo o padre José de Anchieta não perdia occasião de fallar a D. Ignez nas maneiras brutae e nos habitos de mando absoluto que adquiriam os fidalgos do reino nos governos de ultramar, lamentando que uma senhora costumada ao livre uso das suas acções, se fosse escravisar, entregando a sua pessoa e bens a um pobretão. Como era de suppor, estes repetidos sermões, pouco evangelicos na verdade, calaram de alguma forma no espirito da orgulhosa donzella.

Finalmente chegou o dia de se avistarem os esposos, e de receberem as benções nupcias na igreja de Santa Catharina de Sena. Celebrou-se a cerimonia com todo o luzimento, apparecendo D. Ignez litteralmente coberta de diamantes e perolas, engastados em oiro e prata da Mocaranga e da Chivova, e D. Antonio trajando o rico e pittoresco uniforme dos generaes d'aquelle tempo, adornado com o botão de mandarim que recebera do celestial imperador, em paga de algumas baixeiras, que é como *tambem* lá se alcançam as dignidades: á saída, porém, do templo, todos os convidados notaram uma extrema frieza de parte a parte entre os conjuges, mal disfarçada pelas maneiras fidalgas de Menezes, mas patente nos ademanos grosseiros de uma selvagem dos sertões africanos.

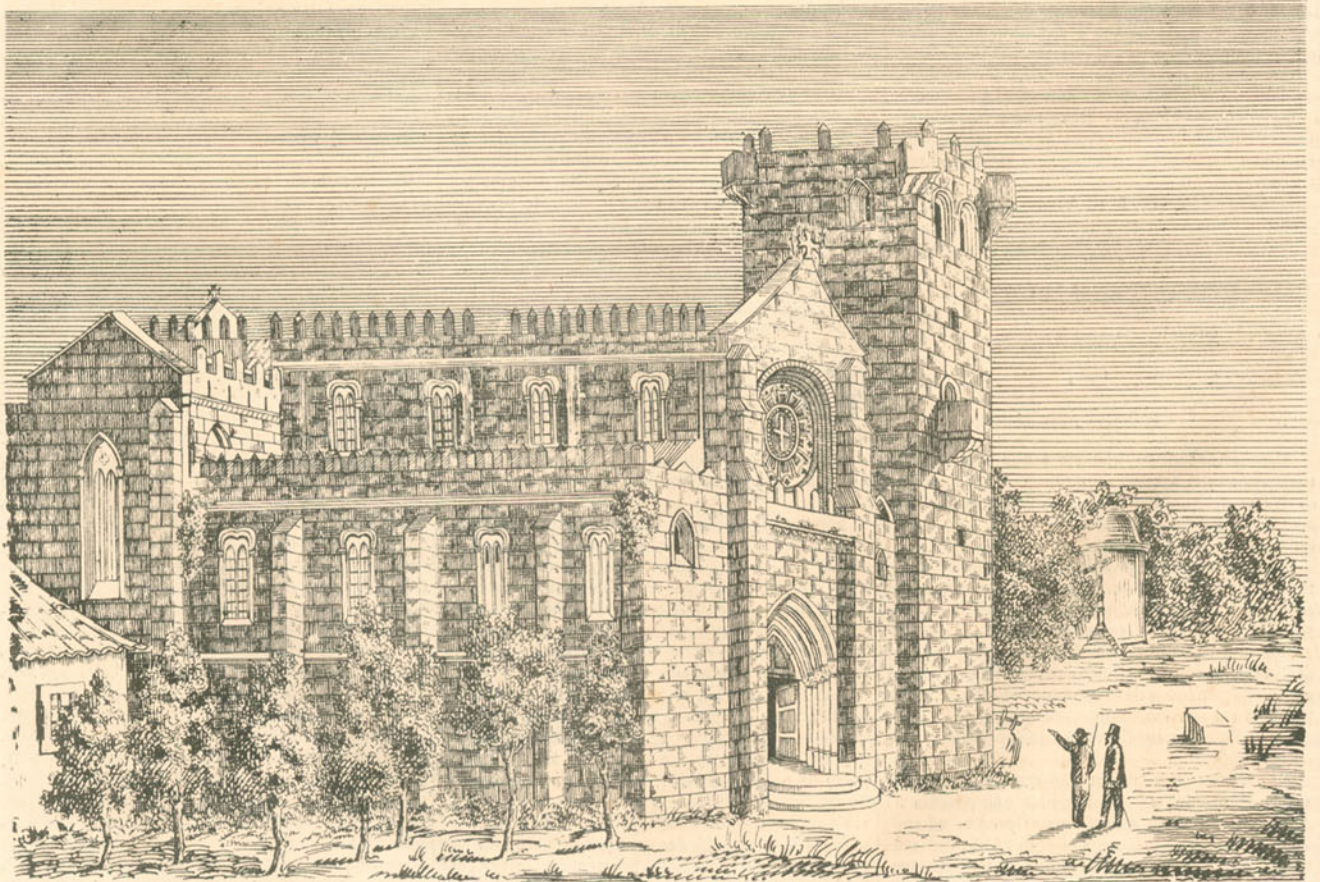
A obra da iniquidade consummava-se. O plano dos jesuitas fôra bem concebido: a setta envenenada ia directa ao alvo!

O ciúme, ou a vaidade, de Antonio Telles, levaram-no a dizer palavras menos cortezes a sua esposa, logo nos primeiros dias do consorcio; e D. Ignez, de genio arrebatado, como notámos, e costumada á independencia e ao mando absoluto, tendo-se aconselhado com o padre Barradas, que tambem logo lhe captara a confiança, fugiu para a sua terra de Inhacoche, resolvida a vingarse do marido de uma maneira horrorosa.

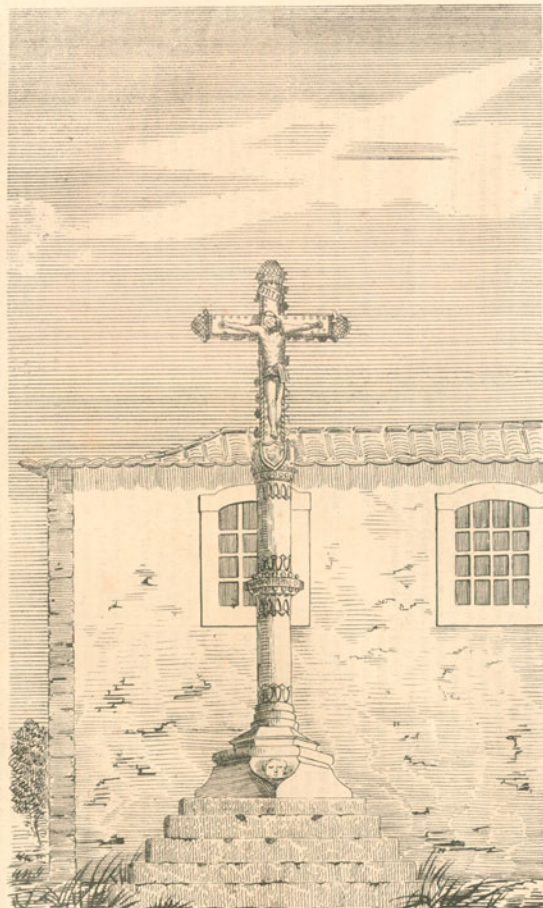




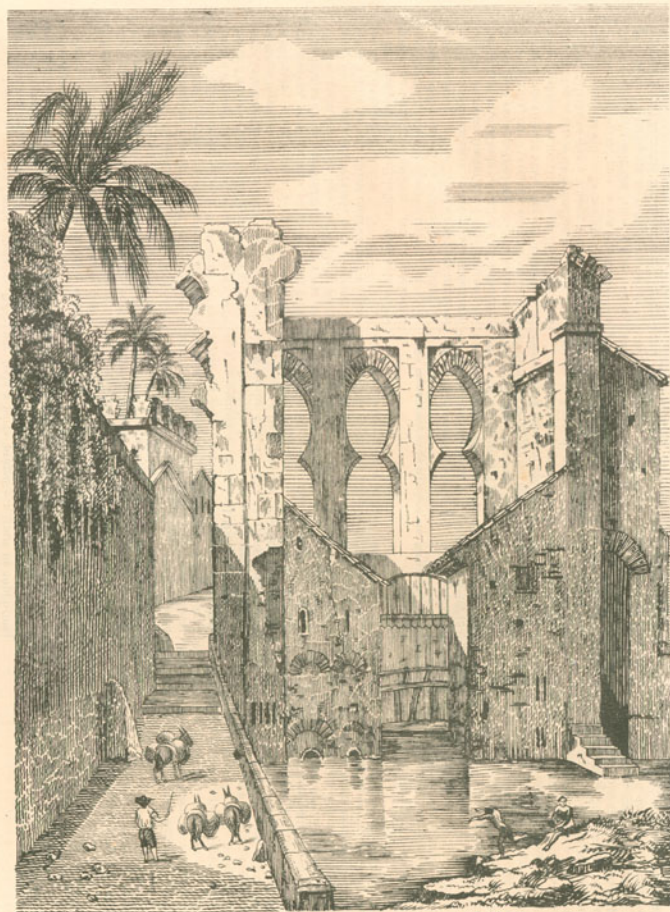
Camponozes da Ukania.

Igreja de S.<sup>ª</sup> Maria de Leça do Balio.





Cruzeiro da Igreja de S<sup>ta</sup> Maria de Leça do Balio.



Ruínas mouriscas sobre o Guadalquivir em Cordova.



Sabendo que sua mulher contava muitos parciais em Sena, incluindo o velho brigadeiro David Marques Pereira, então general dos Rios, retirou-se o pobre Menezes para a ilha do Luabo, cujo praso lhe havia sido doado *causa dotis*, julgando estar assim mais seguro, entre os colonos da terra e os padres da igreja da Saude.

Despedindo-se de Anchieta, que ia acompanhar no exílio a sua confessada D. Ignez, Manuel Barradas, que também tinha que fazer no Luabo, dizia estas palavras, a meia voz, na casa da residencia da companhia em Sena:

«E' preciso, a todo o custo, alcançar a posse total do Luabo para a ordem, segundo as instruções dos nossos superiores; e por tanto encaminhar D. Ignez á pratica de todos os excessos, já que nada podemos obter do marido, violento apenas nas scenas domesticas de ciúme; aliás não só fallará o plano da absorção inteira do praso, mas talvez que Antonio José faça valer a sentença que nos manda despojar do pequeno quinhão de terras que ainda administramos no Luabo, a titulo de penitenciar a capella parochial.»

Estes dois demonios, trajando a roupeta negra e o chapeo derrubado da ordem de S. Ignacio, eram duas aves agouireiras, que precediam a destruição, o incendio e a morte...

Os resultados da sua malvadez ides vê-os, com assombro, no seguinte capitulo.

Continua.

F. M. BORDALO.

### Bouddhismo.

O bouddhismo, como dissemos no numero 40 d'este semanario, é anterior a Bouddha. As idéas fundamentaes d'esta seita, antes de serem claramente explicadas e formuladas pelo homem que as representava, já existiam derramadas pelos habitantes da India, onde, primeiro que *Chakiamouni*, tres Bouddhas tinham apparecido em diversas épocas como tentativas do grande systema reformador.

Onde vigora a tyrannia, pode esperar-se reacção: onde existe o privilegio, deve presentir-se espirito reformador: onde, finalmente, vivem escravos, a idéa da liberdade é constantemente acariciada em silencio.

Antes de Bouddha a população da India estava dividida em diversas castas, cujos prejuizos, de ordinario austeros, levavam muitas vezes á mais recalcitrada barbaridade: a raça *brahmane*, nobre por excellencia, real e sacerdotal, descendente propriamente de Brahma, occupava o cimo do edificio social, monopolizando a riqueza da nação; immediatamente inferior a esta, distinguia-se a dos *khatrias*, guerreiros encarregados de manter os privilegios dos despotas de quem eram de ordinario descendentes, achando-se ligados os interesses d'uns e outros; depois seguia-se a raça popular, e n'esta havia ainda certas distincções: em primeiro logar a classe d'artistas; depois a dos commerciantes; e em seguida a mais despresivel, a dos *soudras*, repellido pelo pé de Brahma; esmagada debaixo d'esse grande edificio social a que servia, por assim dizer, de base; e votada ás amarguras do ilotismo, da servidão e do desprezo. E quem o diria? n'esta ultima casta havia ainda distincções de classes!

Mencionaremos a mais infima, que, pelo soffrimento, se torna mais saliente; era a dos *tchandalas*, marcados com um signal infamante como os leprosos e judeus na idade media, e aos quaes era tudo recusado, até o direito de conservarem em suas miseraveis cabanas qualquer vasilha de barro que não estivesse fracturada. Um brahmane considerava-se enoalhado pelo olhar d'um *tchandal*. A sociedade empregava-os apenas em varrerem a lama das ruas, ou na execução dos criminosos. Não havia cidade villa ou aldeia que admittisse uma familia de *tchandalas*, nem templo que lhes desse abrigo contra o desprezo da sociedade.

Por mais baixo que o homem esteja collocado, nunca perde o instincto da propria dignidade.

A India esperava, pois, o seu libertador; e a palavra que devia sair dos labios d'esse homem, já cada qual a trazia em segredo no coração.

Appareceu finalmente Bouddha: a India estre-

meceu. Padres, guerreiros, artistas, *soudras*, *tchandalas* dae as mãos! Não tendes as mesmas tendencias? equal origem? logo sois irmãos. Abaixo as castas! abaixo os privilegios!

Tal é a substancia da doutrina annunciada, pela qual Brahma não promettia felicidade a ninguém senão na terra sagrada do Indostão.

O codigo moral do bouddhismo é, como as taboas da lei, digno d'admiração: podemos reduzi-lo a estas quatro prescripções: misericordia estabelecida em bases inabalaveis; prohibição absoluta de crueldade; compaixão sem limite para todos os seres vivos; constancia inalteravel na fé.

Além d'estas quatro magnificas prescripções, dão-nos ainda seus livros sagrados o decalogo da Bandia: (egreja bouddhista) no qual o leitor não terá memos que admirar:

- 1.º Não mates.
- 2.º Não roubes.
- 3.º Guarda castidade.
- 4.º Não levantes falso testemunho.
- 5.º Não mintas.
- 6.º Não jures.
- 7.º Não digas impurezas.
- 8.º Não te cegue o interesse.
- 9.º Não te vingues.
- 10.º Não sejas supersticioso.

Depois do Evangelho, a doutrina bouddhista é, sem duvida, a mais nobre e bella que tem brilhado na terra. Similhante doutrina era destinada a regenerar os povos hindos: a India recebeu-a com amor e enthusiasmo; mas os brahmanes, que por ella viram ameaçados seus privilegios, combateram-na acerrimos. Durou seculos o combate: os tyrannos venceram, e o bouddhismo foi, ha dez ou onze seculos, totalmente banido da India. Não obstante, porém, a queda do grande systema reformador, tinha-se organizado tal propaganda entre o povo, activada por missionarios cheios de zelo, que em vão tentaram os brahmanes destrui-la. A palavra da vida, o reinado do amor e da justiça, eram por toda a parte prégados a troco de supplicios horribes, que mais contribuam para engrandecer o enthusiasmo dos povos. A ilha de Ceilão, a China no segundo seculo da nossa era, e o Japão em 552 admittiram a seita, que, ultrapassando as alturas congeladas do Hymalaia, foi estabelecer-se nas planicies do Thihet, onde se desenvolveu, e fundou sua metropole e santuario.

Notavel coincidência, digna d'attenção dos philosophos! Tanto a seita de Bouddha como a religião christã, inimigas da preferencia das castas, dos privilegios, de tudo emfim que tende á exploração do homem pelo homem, nasceram nas regiões abrasadas da Asia, e ambas, expulsas do berço, foram procurar abrigo no norte onde cresceram e se desenvolveram no espirito das gerações! O bouddhismo inicia no segredo da civilização as hordas selvagens da Mongolia e da Tartaria; o christianismo pula e regenera a Italia abatida, a Gallia, a Hespanha, a Alemanha, arrancando-as das trevas da ignorancia. A India fica estacionaria com os seus ciumentos e despotas brahmanes, *kudras*, parias, sacrificios, fogueiras, e todos os horrores da ignorancia: a Judéa, despovoada, esteril, aniquilada, apenas conserva miseravel reliquia da antiga população para chorar sobre a passada prosperidade.

### Os monumentos arabes na Hespanha.

Essas hordas de sarracenos que, partindo d'Africa, ao começar do seculo VIII, se arremessaram sobre a Hespanha como uma torrente impetuosa, e que á voz do corajoso Tarik destruíram a monarchia dos godos, e avassallaram toda a Peninsula, civilisaram-se depressa sob a benéfica influencia d'este nosso tão puro ceo, e d'este clima tão doce.

Esses barbaros, que aniquilaram a civilização, que se ia desenvolvendo no dominio dos godos á sombra protectora do christianismo, crearam em breve uma civilização toda sua. A ferocidade dos guerreiros arabes foi-se trocando no valor magnanimo e brioso dos soldados christãos. Os costumes rudes dos filhos d'Omar, foram-se convertendo pouco a pouco em polidez e brandura. Principiaram

a florescer as letras e as artes. Surgiram da terra cidades opulentas, e edificios grandiosos; e a poesia ora cantava as glorias do crescente musulmano, ora narrava romanticas lendas de amores, imprimindo em tudo, assim nos costumes como nos monumentos, a elevação e graça das suas aspirações, a viveza e matiz das suas cores.

Este povo ao mesmo tempo guerreiro e industrioso, fanatico e tolerante, não brilhou por largos seculos sobre a scena do mundo. Vencidos, alfin, e desterrados, lá foram povoar de novo os desertos da sua Africa, aonde a sua estrella, já na Hespanha eclipsada, se abysmou inteiramente nas trevas. Porém, largando o solo da peninsula, deixaram n'elle brilhantes recordações do seu dominio. Os monumentos arabes da Andaluzia, além de outros, fallam e attestam o subido desinvolvimento intellectual e physico dos seus fundadores.

Quem olhar e reflectir na grandeza, magnificencia, solidez, formosura, elegancia, e poesia d'esses esplendidos monumentos conhecidos em todo o orbe pelo nome de *Alhambra de Granada*, *Alcaçar de Sevilha*, e *Cathedral de Cordova*, não precisa folhear nos livros para saber que n'esse tempo, e n'essas cidades em que se construíram taes edificios, não só brilhou o genio das sciencias e das artes, mas existiu ali uma civilização, completa em todas as suas partes, e que attingiu um elevado grau de aperfeiçoamento em relação ao estado geral da Europa.

O monumento, que parece ter-nos suscitado estas idéas, e do qual a estampa junta é copia, está longe de entrar no numero d'aquelles soberbos e eloquentes padões do poder dos arabes nas Hespanhas. Todavia é um documento honroso para o seu governo, uma antiquilha importante, e um objecto mui pittoresco. São os restos de um aqueducto, que parece fóra destinado a conduzir á cidade de Cordova as aguas do Guadalquivir.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### O traje dos camponeses da Ukrania.

A Polonia foi uma das nações, que mais se estremou pela riqueza, elegancia, e variedade dos trajes, das diferentes classes da sociedade.

N'esses tempos do seu immenso poder e brilhante gloria, em que as aguias moscovitas não ousavam levantar o vôo sobre as fronteiras da Polonia, e em que os exercitos polacos, capitaneados pelo seu heroico rei João Sobieski, acudiam e salvavam de uma ruina infallivel o famoso imperio d'Alemanha, nenhum povo da Europa ostentava mais luxo e mais graça no seu vestuario. Em todos esses costumes, de nobres ou de plebeus, se estampam, como em espelho, a gloria das empresas cavalleirosas, e as aspirações poeticas d'aquelle povo tão singular, tão civilisado no meio da antiga barbaria da Europa, tão magnanimo no apogeo da sua grandeza, tão moderado no dia do triumpho, e finalmente tão resignado nas horas sem fim do seu infortunio!

A magnificencia, brilho, e variadas formas, que a nobreza punha nos seus vestidos e adornos, desappareceram completamente. Tanto os nobres como os burguezes vestem hoje ao modo geralmente adoptado em todas as côrtes europeas. Nos camponeses, porém, conservam-se em toda a pureza, ou com ligeiras modificações, os antigos trajes nacionais.

Os que se vêem n'este numero representados em estampa são os dos camponeses da Ukrania, uma das mais bellas e ricas provincias aonde outr'ora se estendeu o poder da Polonia, e que actualmente faz parte do imperio da Russia.

Um jaleco justo ao corpo, e acolchetado, com algibeiras nos lados, ordinariamente de panno de lã; uma larga cinta de lãzinha escarlate apertando-lhe a cintura, e á qual se prende uma especie de bolso ou carteira de couro, ornada de chapas e frisos de metal amarello; a tiracolo uma corréa, de que pende, ao lado, uma comprida faca com sua bainha de couro guarnecida d'aquelle mesmo metal; largas calças de fazendas brancas no verão, e de panno de lã no inverno, franzidas e apertadas pouco acima dos artelhos; botas altas com a côr natural do couro; um bonet de pelle de carneiro com a parte superior de velludo preto, ou de panno de



côr alegre, ornado de alguma peça de latão ou outro metal dourado; uma pequena manta de feltro impermeavel; eis ahí o vestuario completo de um camponez da Ukrania, e das terras visinhas, pertencentes á Polonia.

O traje das mulheres é mais bello e pittoresco. Cobre-lhes o seio, franzindo-se em torno do pescoço, uma alva camisa, de largas mangas, que vem apertar-se nos pulsos. Um collete, ou corpete, de panno de côres garridas, debruado de fita de seda ou velludo, de côr mais escura, com suas graciosas abas recortadas, e no peito aberto e levemente unido com atacadores, aperta-lhes a cintura, e dá-lhes ao corpo singular realce. A saia, de fazendas apropriadas á estação, farta de roda, e guarnecida de fitas na parte inferior, desce-lhes um palmo abaixo dos joelhos. Um avental, de ordinario branco com seus enfeites de côres, cae-lhes da cintura por todo o comprimento da saia. Cobre-lhes a cabeça um pequenino chapéo de palha, que cuidadosamente enfeitam, quasi tapando-o todo, de fitas e flores. Os cabellos ondeam-lhes com graça junto ás faces, e caem-lhes em tranças pelas costas. Uma comprida manta de côr clara, e de fazendas de lã, é todo o seu resguardo contra os rigores do inverno.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Maria.

DEVANEIO.

É loira como os anjos, triste e pallida;  
E tem no meigo rosto o cunho santo  
Que em tudo que é do ceo respeita o mundo!  
E tão sentidos prantos — doces perolas —  
Em mysterio profundo ha derramado,  
Que esse nome que tem da Santa Virgem,  
Pelos prantos escripto, o mundo ad'vinha.

Qual fagueira esperanza que revive,  
Da saudade o lucto combatendo,  
Vem da beira da cova inda a existencia,  
Um momento enflorar de quem a adora

Abracci-te um momento, e logo a vida  
Em sonho se tornou. N'aquellas voltas  
Da dança fatigante em que voavas,  
Dos teus olhos suspenso ia, illudido,  
Novo mundo buscar mais verdadeiro.

Aspirava não sei que vaga esp'rança...  
Não sei que, por te ver tão perto, eu via...  
Mais perto ainda, que já meu julgava!...  
De quando em quando vinha, perfumado,  
Teu halito inda morno — como a brisa  
Que do seio d'America exhalando-se,  
Em sonhos vem prostrar-nos que delectam.—

Mas tu de mim tão perto não andavas  
Como a todos par'cia! mais distante,  
De mim, teu coração — embora os laços  
Que peito a peito unidos nos traziam —  
Sorrindo ia buscando um novo rumo!...

D'essas da minha infancia imagens loiras,  
Que na doce côr dos olhos nos ensinam  
Que ha ceo na vida, e Deus no ceo qu'inspiram,  
Nos sentidos ficou-me a mais formosa,  
Que tu no mundo sem saber retratas,  
D'antigas afeições, que eu respeitava,  
Teus olhos, pouco a pouco e sem maldade,  
Minh'alma p'ra adorar-te desprenderam.  
Adorei-te e quebrei por ti meus votos:  
Reneguei d'outra fé; sem fé, segui-te...  
E lá n'essa que sabes noite amarga  
— Que em prazer disfarçava as horas tristes —  
Por sentir sobre o peito, em meigo enlace,  
Bater teu coração, troquei eu tudo!

Danças não foi; voar... fender os ares...  
Sem cansar, cansar quantos nos viram;  
Toda a vida gastar n'um só desejo;  
Toda a esp'rança perder n'uma só noite;  
De muitos annos foi guardada esp'rança  
Por momentaneo abraço satisfeita!

Ai que triste que foi pensar no dia  
Que essa noite desfez! Triste saudade  
Nascera pelos prantos orvalhada  
D'uma aurora a que o sol não dera brilho!  
E tu, meu anjo, lyrio meigo e debil  
Que o tufão abatera; em vão procuro  
Pensar que illudir-me intenta o mundo!  
Sem vida quasi!... exausta!? E' pois possivel  
Quando eu vivo e no peito sinto ainda  
Mais vida p'ra adorar-te? o mundo mente!  
Onde estás?... D'essa noite o negro manto  
Para sempre envolveu-te; e sobre a fronte  
Poz-te um sello fatal da amante o beijo  
Que por ti despresei!.....

Possa a amizade  
D'esse beijo adoçar o fel que envolve!

ALFREDO HOGAN.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Conclusão.

ACTO III.

SCENA XXV.

MICAELA.

Não me tiro de ao pé d'elle, custe o que custar!

LUIZA.

(Em tom imperioso) Eu é que não consinto que  
em minha casa se passem d'estas scenas.

MICAELA.

A colera faz-me delirar!

LUIZA.

Tenham prudencia e escutem. São quatro os ca-  
sados que se acham aqui reunidos. Todos suppõem  
ter razão, e talvez nenhum possa justificar esta  
opinião. E' necessario haver um juiz, porque as  
paixões, que os dominam, tornam-n'os suspeitos.  
Calam-se? E' bom signal. Usarei de toda a im-  
parcialidade. Ouvirei primeiro o general.

(Micaela e Eusebio sentam-se a distancia, ambos  
tristes e pensativos).

GENERAL.

Não tenho a queixar-me de ninguem. Conheço  
o meu erro. Fiz mal, sendo velho, em desposar  
uma mulher moça. Uni-me a um anjo, e o anjo  
em vez de lamentar a sua sorte, só abriu os la-  
bios para proferir louvores que eu não mereço.  
Supportando com resignação os meus impertinên-  
tes ciúmes, e os impetos do meu genio desconfia-  
do, mostra que merece um marido, que seja mais  
digno de a comprehender.

CARLOTA.

Deus lê no meu coração....

GENERAL.

Perdão, serei breve. Não podemos destruir o

que está feito. Mas não quero que a tua mocida-  
de seja sacrificada á minha importuna velhice.  
Devo separar-me de ti...

LUIZA.

Que diz, general?

GENERAL.

Não é porque no meu pensamento entre a mais  
leve suspeita ácerca da tua immaculada virtude...  
Mas este passo convém a ambos. Dou-te n'isto uma  
última prova de que te amava com extremo. Go-  
sa n'uma liberdade honesta da primavera dos teus  
annos, e respira desaffrontada, longe do homem  
que já não possui senão achaques no corpo, e  
amargos desenganos na alma! Vive na opulencia,  
que a mim basta-me a decima do meu rendi-  
mento. E' de mais para mim: a gota ensinou-me  
a ser sobrio, e heide viver na abundancia, Car-  
lota, com a ração de um soldado.

CARLOTA.

Nunca!

MICAELA.

(Á parte) Que character magnanimo! Que raro  
exemplo de dedicação!

CARLOTA.

Nunca consentirei...

LUIZA.

General!

D. EUSEBIO.

(Á parte) E' um grande coração! Arrependo-me  
de o ter odiado!

CARLOTA.

Eu separar-me do homem, a quem venero mais  
n'este mundo! Se Deus me negou o dom de o fa-  
zer feliz, irei para um convento, porque o mun-  
do não terá para mim attractivos!

LUIZA.

Loucura! Nem elle nem tu se podem separar.  
E porque? quando lhe veio similhante idéa? Quan-  
do demonstram, por um mutuo sacrificio, o seu af-  
fecto? Viviam em discordia, porque ignoravam o  
quanto eram dignos um do outro. O general re-  
conheceu agora que ha poucas mulheres no mun-  
do que te eguallem: tu, podes com orgulho aper-  
tar ao peito aquella fronte menos encanecida pe-  
la idade, do que pelas emoções da gloria, e aquel-  
les cabellos brancos, que os loiros de tantas ba-  
talhas ennobrecem. O general, que já deixou de ter  
ciúmes...

GENERAL.

Nunca mais!

LUIZA.

Não te afastará da sociedade

GENERAL.

Se Carlota me tivesse amor.... Eu bem ouvi o  
que... outro lhe perguntou.

LUIZA.

E então?

GENERAL..

E não disse... sim.

CARLOTA.

E disse eu porventura... não?

LUIZA.

Não vê aquellas lagrimas? (para o general) Não  
vês como o general está commovido?



CARLOTA.  
(Lançando-se nos braços do general) Meu amigo!

GENERAL.  
Carlota!

LUIZA.  
E' assim... é assim que devem ficar sempre.

CARLOTA.  
(Abraçando Luiza) Luiza!

GENERAL.  
(Apertando-lhe affectuosamente a mão) Amiga incomparavel.

LUIZA.  
(Mostrando-lhe o outro grupo) Adeus... faltam... aquelles!

GENERAL.  
(Comprehendendo) Diz bem!

(Retira-se com Carlota pela esquerda dando-lhe o braço, e manifestando os dois immenso prazer. D. Eusebio e Micaela levantam-se).

## SCENA XXVI.

LUIZA, MICAELA, D. EUSEBIO.

LUIZA.

Aquelle espectáculo não os convence de que devem acabar as discordias entre casados?

MICAELA.

Ingrato! Homem sem coração! Ajoelhar-se aos pés d'outra mulher!

LUIZA.

Nada conseguiu com isso, como viu, e cedeu apenas aos impulsos de uma suave recordação...

MICAELA.

Inconveniente!

LUIZA.

Justa e natural.

MICAELA.

Para mim pungente e dolorosa!

LUIZA.

Ora, diga-me, nunca amou ninguém antes de amar D. Eusebio?

MICAELA.

Foi uma illusão, que breve se desvaneceu!

D. EUSEBIO.

E' uma realidade, que de continuo me persegue!

MICAELA.

Sou bem infeliz!

D. EUSEBIO.

Fui um louco!

LUIZA.

Todas essas exclamações toem apenas um defeito, não remedeiam a sua situação. Lembra-se acaso do divorcio? Nada conseguiriam com isso. Fariam inutilmente um escandalo, e viveriam do mesmo modo em tormento. Voltem á razão! Não digo que devam morrer d'amores um pelo outro, mas podem estimar-se, apreciando-se reciprocamente.

MICAELA.

Não me recuso a fazer as pazes...

D. EUSEBIO.  
Não desejaria quebrar para sempre as nossas relações...

LUIZA.

Está bem! O que exige?

MICAELA.

Que me ame, como eu o amo a elle!

LUIZA.

(Em voz baixa, a Micaela) Nunca ninguém conseguiu ser adorado pela violencia: o amor não se impõe.... captiva-se: e quando uma mulher entra já no outono da vida, deve tornar-se menos exigente, e procurar ser mais amavel.

MICAELA.

Agradeço-lhe a franqueza!

LUIZA.

E o que deseja, D. Eusebio?

D. EUSEBIO.

Que a minha esposa deixe em paz a lyra e o plectro, e demitta do seu serviço as musas, que tão frequentemente a inspiram: que me não exponha ao ridiculo, manifestando, em publico, a extremosa ternura que me consagra!

LUIZA.

(A D. Eusebio) Deve ter mais indulgencia para uma mulher que já não sendo moça, com razão se ufana de haver merecido a afeição de um mancebo.... (a Micaela) Quando a mulher quer brilhar á custa do marido, cedo se vê castigada na sua vaidade. (á parte, a Eusebio) Seja mais tolerante.... (á parte, a Micaela) A poesia é uma coisa sublime... (á parte, a D. Eusebio) Nunca ouvi dizer que somos creanças duas vezes? (á parte, a Micaela) Mas o casamento é prosa. (a D. Eusebio, á parte) Faça da necessidade virtude. (a Micaela, á parte) Seja generosa por gratidão, já que o não foi por amor.

MICAELA.

Sempre tive idéa de deixar D. Eusebio por meu herdeiro, e hoje mesmo tratarei do testamento...

D. EUSEBIO.

Não acceito.

LUIZA.

Porque? Quando é de livre vontade?

D. EUSEBIO.

Ponho uma condição, condição sine qua non.

LUIZA.

Declare-a...

MICAELA.

(Á parte) Aperta-se-me o coração!

D. EUSEBIO.

Heide eu tomar as redeas do governo!

LUIZA.

Tem razão: o marido é o chefe da familia.

MICAELA.

Não me opponho.

LUIZA.

Assim o exige a sua dignidade.

MICAELA.  
E a minha: e desde já digo adeus ás odes, sonetos, eglogas, epicédios, e a Catullo, Virgilio e Tibullo!

LUIZA.

Bravo!

D. EUSEBIO.

(Á parte) Finalmente, fico Merino, e não Mireno!

MICAELA.

Á vista do processo, profira o juiz a sentença...

LUIZA.

(Sorrindo) Condemno-os... a abraçarem-se!

D. EUSEBIO.

(Abraçando Micaela) Como posso eu resistir? E' um anjo que nos reconcilia!

(Apparecem entre as arvores os outros grupos de casados).

LUIZA.

(Á parte) Alcancei, com o favor de Deus, um completo triumpho! (alto) Vamos almoçar.

D. EUSEBIO.

Vamos!

MICAELA.

E celebrem-se em commum as glorias do hymineo!

## SCENA XXVII.

LUIZA, CARLOTA, D. EUSEBIO, GENERAL, CONDESSA, CONDE.

GENERAL.

Seja Luiza a rainha da nossa festa!

CONDESSA.

Viva Luiza!

TODOS.

Viva! viva!

LUIZA.

Nada agradeçam, a mim, meus queridos amigos, mas áquelle que lá do ceo favorece os bons instinctos do nosso coração!

## SCENA XXVIII.

LUIZA, MICAELA, D. EUSEBIO, CARLOTA, GENERAL, CONDESSA, CONDE, MARTINS.

LUIZA.

Que queres?

MARTINS.

Está a chegar...

LUIZA.

Quem?

MARTINS.

O senhor!

LUIZA.

Meu marido!

D. EUSEBIO.

Parabens!

LUIZA.

Que melhor recompensa podia eu esperar, do que poder n'este dia abraçar meu marido? Corramos ao seu encontro, e celebremos juntos a sua feliz chegada!

FIM.

Está completo o primeiro volume do Genio da Língua Portuguesa; devendo o segundo ficar concluido até o fim de Janeiro proximo futuro.

Acha-se á venda esta obra na loja do editor da ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA e do PANORAMA.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA -- Travessa da Victoria, 52.